

ANTONIO CANDIDO

ENTREVISTA¹

CONVERSA COM ESCRITORES BRASILEIROS

PROF. ARNALDO SARAIVA: Que importância teve na sua obra a sua formação de sociólogo? Continua a pensar que “embora os dados sociológicos e psicológicos nos ajudem a destrinçar as raízes e o sentido da obra, apenas a interpretação literária permite construir um juízo mais ou menos válido”?

ANTONIO CANDIDO: No plano da história literária, tanto a sociologia acadêmica quanto o marxismo me valeram sobretudo como “ponto de vista” para avaliar a literatura como fenômeno de cultura. No plano da análise das obras, como instrumento para estudar na ficção o que denominei “redução estrutural”, isto é, o processo mediante o qual a matéria bruta do escritor, sobretudo a realidade social, torna-se estrutura literária, a ser encarada como algo autônomo que requer investigação “interna”. Por isso, continuo a pensar que a leitura adequada de um texto deve comportar o reconhecimento da sua natureza propriamente estética.

A.S.: Estudioso, amigo, descobridor e até parente de grandes escritores, nunca o tentou a criação poética ou fictícia?

A.C.: Nunca, e isso deve ter diminuído o alcance do meu trabalho. Dizia Albert Thibaudet que o crítico lucra com as tentativas de fazer ficção ou poesia, mesmo de maneira insatisfatória.

¹ Entrevista com Antonio Candido realizada pelo Professor Arnaldo Saraiva (Universidade do Porto) e publicada no livro *Conversa com escritores brasileiros*, Editora da Imprensa Universitária, Goiás, 2017.

A.S.: Tendo servido a Universidade de São Paulo durante mais de meio século, até mesmo depois da sua aposentadoria em 1978, e tendo orientado inúmeras teses até 1992, sente-se reconfortado com os inúmeros discípulos que formou?

A.C.: Fui professor pleno durante 36 anos. A seguir fiquei mais 14 orientando dissertações de mestrado e teses de doutoramento. A última foi aprovada em 1992. Nesse longo período tive a oportunidade de patrocinar os trabalhos de um número considerável de candidatos que estão hoje entre os críticos mais importantes do Brasil. Essa parte do trabalho docente é das mais compensadoras, porque assegura a continuidade e o enriquecimento dos quadros do ensino e da investigação.

A.S.: Em *Literatura e sociedade* diz que há uma literatura brasileira manifestando-se de um modo diferente nos diferentes estados brasileiros, embora não use a metáfora do “arquipélago” de Viana Moog; considerando as etapas da “formação da literatura brasileira”, que também estudou, vê nela realmente uma grande unidade?

A.C.: Creio que a vocação unificadora de Portugal se comunicou ao Brasil em vários setores, e é o que explica em parte que a América portuguesa se haja tornado um só país, apesar de ter sido dividida a princípio em 12 capitais e ter tido depois, por muito tempo, dois governos gerais. O contrário do que se deu com os países da América espanhola, herdeiros da vocação particularista da Espanha. Na literatura há obviamente diferenças regionais que Viana Mogg salientou de modo sugestivo, mas a unidade foi sempre real e profunda. Só Franklin Távora, no século passado, tentou distinguir, sem consequências, uma “literatura do Norte”. Lembro a propósito os versos de Mário de Andrade: “A Espanha estilhaçou-se numa poeira de nações americanas / Mas sobre o tronco sonoro da língua do ão / Portugal reuniu 22 orquídeas desiguais”. O poeta referia-se ao número de unidades federadas naquele momento. As orquídeas são desiguais em muita coisa, a começar pelo tamanho, mas o tronco sonoro, feito, aliás não apenas de língua, é o mesmo.

A.S.: Na sua produção crítica ou ensaística, estudos sobre autores portugueses, como os que consagrou a Eça de Queirós, em *Tese e síntese*, constituem uma exceção. Para lá dos autores do período luso-brasileiro, nunca sentiu estimulado pela produção dos portugueses?

A.C.: Fui sempre grande leitor dos autores portugueses, desde a infância e de uma paixão precoce pelos romances e contos de Alexandre Herculano, até a maturidade interessada

na produção dos modernos. Mas, de fato, se bem me lembro, escrevi apenas o referido ensaio sobre Eça de Queirós e mais alguns pequenos artigos; inclusive, em 1944, uma nota sobre Fernando Pessoa, quando as edições timbradas pelo Pégaso de Luís de Montalvor o revelaram ao Brasil, onde exerceu dos anos 1940 em diante uma das maiores influências já registradas em nossa literatura.

A.S.: Privou com escritores portugueses como Adolfo Casais Monteiro e Jorge de Sena. Tem boa memória deles?

A.C.: Ambos foram meus amigos. Sena e eu fomos colegas na Faculdade de Assis, onde ensinamos no mesmo departamento. Ele, Teoria Literária; eu, Literatura Brasileira. Era um homem de prodigiosa versatilidade, que vivia a literatura com paixão e era capaz de absorver uma quantidade quase incrível de informação. Eram notáveis a rapidez e a acuidade do seu golpe de vista crítico, além de uma rara capacidade de trabalho. Casais Monteiro estava às vésperas de vir trabalhar comigo na Universidade de São Paulo, deixando a Universidade Estadual Paulista, onde ensinava, quando infelizmente morreu. A sua cultura era refinada e extensa, escrevia com muita sobriedade quanto ao estilo e tinha grande destemor mental, sem falar no poder de concentração. Um e outro deixaram marca profunda no Brasil. Mas convivi também com outros escritores portugueses, como Novais Teixeira, Castro Soromenho, António José Saraiva e, na remota mocidade, António Pedro, que era também pintor. E um raro exemplo foi o comandante Sarmiento Pimentel, líder da oposição no Brasil e autor das excelentes *Memórias do capitão*.

A.S.: Vê com otimismo a literatura brasileira atual, incluindo o seu ensaísmo? Que juízo faz dela em face de outras literaturas nacionais, nomeadamente latino-americanas?

A.C.: Já estou bem afastado da vida literária e tenho pouco conhecimento da produção atual. Sou “um antepassado”, como Afonso Maia... Mas quanto ao ensaio, não há dúvida de que passa por um momento de qualidade excepcional. Em relação às literaturas hispano-americanas, que me interessam muito, lembro que são mais conhecidas e estimadas no Brasil do que o contrário. Uma relação assimétrica. Depois de uma fase de esplendor, elas parecem ter caído na rotina. Mas são mais prezadas na Europa do que a brasileira.

A.S.: Disse a respeito de Oswald de Andrade que a viagem à Europa foi decisiva na sua formação de escritor, mas parece que as viagens não têm tido muita importância para o ensaísta Antonio Candido. Será assim?

A.C.: De fato, sempre viajei pouco fora do Brasil, de onde não saio há 13 anos. Em Portugal passei rapidamente duas vezes e estive cerca de três meses no verão de 1965, quando era professor em Paris. Foi um projeto longamente acariciado e cuidadosamente preparado, pois queria conhecer a nossa terra de origem e sentir o engaste de uma literatura que tanto interferiu na minha formação. Estive bastante tempo com a família em Lisboa, visitando museus e monumentos, passeando pelos arredores e sobretudo me impregnando do dia a dia. Viajamos também pelo interior, rumo ao Norte. Não deixei de ir a Amarante ver a estátua do meu famoso homônimo nem de circular pela região de Braga, da qual saíram ascendentes meus. Descendo sobretudo de minhotos e açorianos vindos no começo do século XVIII. Mas recente, tenho um bisavô da Madeira. E para dar uma ideia do que senti em Portugal, digo o seguinte: naquela altura estávamos no Brasil sob uma ditadura militar que aposentou compulsoriamente professores e obrigou muitos ao exílio no exterior. Eu disse, então, que, se fosse obrigado a sair do Brasil, o único lugar em que me sentiria bem seria Portugal.

(1998)

Essa entrevista foi publicada no *Jornal de Letras*, que por sua conta juntou mais as duas perguntas – inicial e final – que aqui reproduzimos, com as duas respostas respectivas.

Jornal de Letras: Como recebeu a notícia de ter sido distinguido com o Prêmio Camões?

Antonio Candido: Recebi com surpresa e perplexidade a informação de que havia sido contemplado com o Prêmio Camões. Sempre entendi que era reservado a nomes conhecidos largamente em todo o universo lusófono. O que não é o meu caso. E que destinava a poeta e narradores. Se disser, além disso, que não me considero à altura dele, parecerei insincero. Por isso, nada acrescento.

Jornal de Letras: Qual a sua atividade atual? Tem alguns projetos em andamento?

Antonio Candido: Nesta altura da vida não tenho projetos literários e escrevo apenas um ou outro texto de circunstância. No Partido dos Trabalhadores a minha atividade limita-se ao setor cultural. Mais precisamente à Fundação Perseu Abramo, que publica uma revista, edita livros, organiza simpósios. Sou presidente do seu Conselho Editorial.